

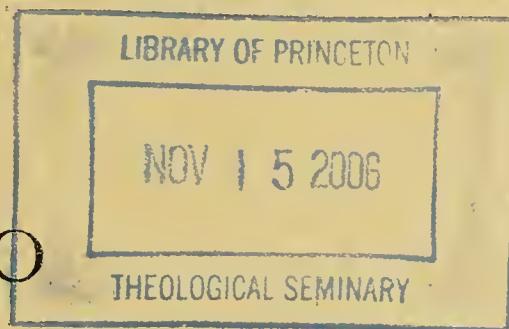


Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL LAP DO ESPIRITISMO

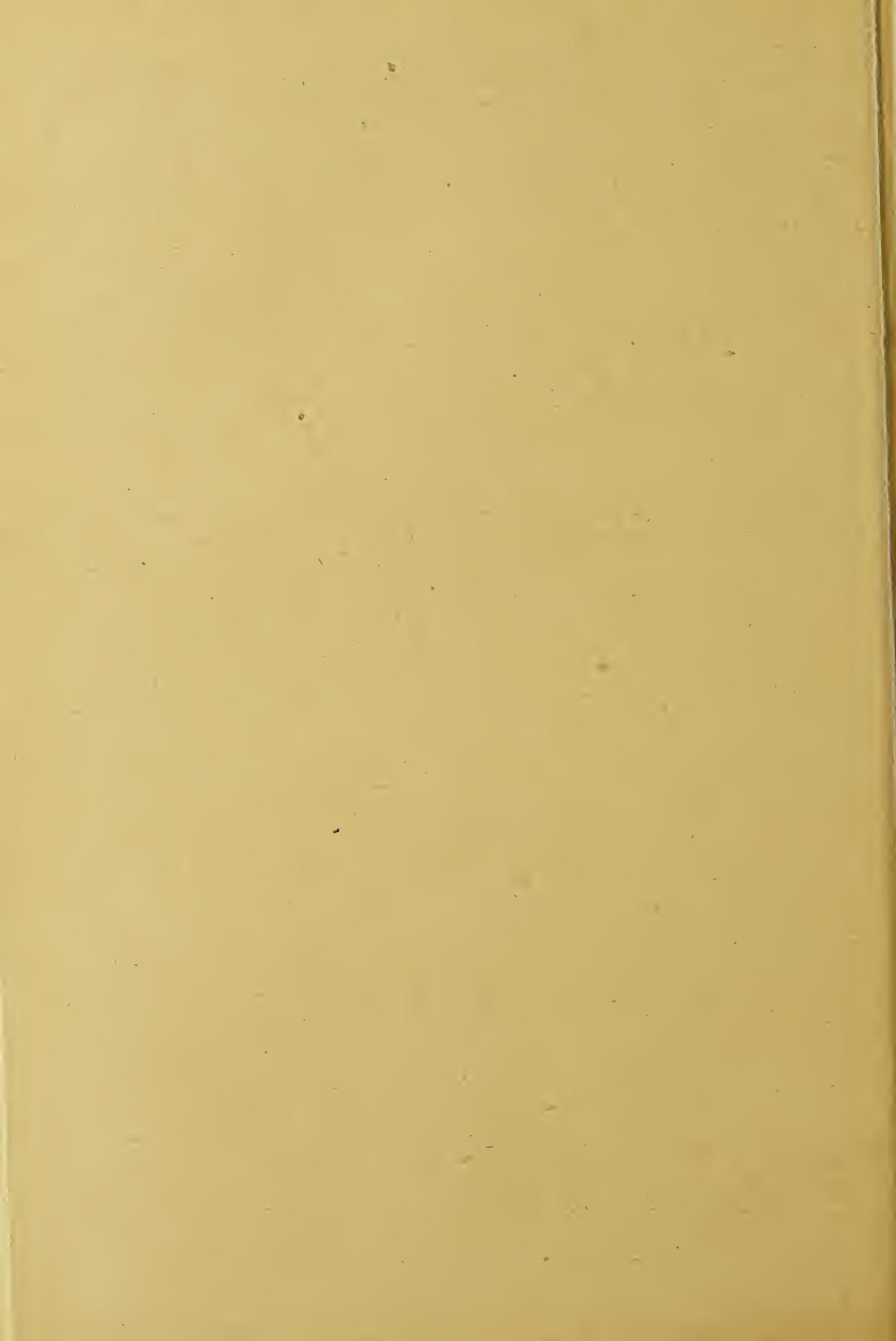
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

As Idéias Inatas	<i>Redação</i>
Espírito e Corpo	<i>Carlos Imbassahy</i>
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard	<i>V. O. Casella</i>
Medicina e Parapsicologia	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
O Espiritismo é a Religião	<i>Noraldino de Mello Castro</i>
Hipnose e Espiritismo	<i>Osmard Andrade</i>
Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo	<i>Renato Wash Rodrigues</i>
Serões Bíblicos	<i>Luiz Caramaschi</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>



Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.^a edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em prol da verdade, — luta uobliitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Preço cr.\$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma, nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr.\$ 240,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.^a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr.\$ 15,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.\$ 15,00.

**Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal**

Natal dos Pobres

Prezado Confrade :

Está se aproximando a data magna do Cristianismo, o dia do Natal de Jesus, 25 de Dezembro.

Jesus foi o amparo dos párias, dos aflitos, dos sofredores e famintos, que o acompanhavam e ouviam-lhe as palavras de amor e vida eterna. Porisso, todo o bem que fizermos aos nossos irmãos necessitados, é seguir o que Ele exemplificou.

Portanto, nesse dia, na sede do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», será feita distribuição aos pobres necessitados, das dádivas que os corações bem formados ofertarem, numa justa homenagem Àquele que deu a sua vida pela redenção da humanidade.

Assim, a Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, cumprindo o maior preceito de Jesus — que é o amor ao próximo — e no louvável intuito de alegrá-los nesse dia, solicita do bom amigo uma dádiva que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas e calçados, mesmos usados.

Antecipadamente agradecida, a Comissão pede a Jesus que lhes proporcione com muita saúde e paz, um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades materiais e espirituais.

Matão, 12 de Outubro de 1961

A Comissão

*Chiquita Fonseca
Rosa F. Fratine
Antoninha P. Campêlo
Leticia M. Olson
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Dirce B. Mariani
Eliza V. Machado
Luiza P. Gonçalves*

*Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Forge
Jenny Perche
Clotilde Cunha
Carmen Torres
Juracy Pedro
Arlene da Cruz
Maria Lucia Barboza
Sylvia Lucia Urban*

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

AS IDÉIAS INATAS

A medida que novas perspectivas se abrem ao estudo e às pesquisas, nos convencemos de que nenhuma hipótese, de tôdas que tem sido aventadas, é suficiente para explicar os fenômenos psíquicos em sua generalidade, e que a única plausível, racional, que preenche tôdas as exigências do bom senso e do critério, é, de fato, a *teoria espírita*.

A insistência que mantemos neste assunto já deve ter feito os leitores compreenderem que sendo o nosso objetivo a demonstração da imortalidade, não relutamos ventilar tôdas as questões e hipóteses que relacionadas com nossos estudos demonstram logo à primeira vista a inanidade de suas conjeturas e conclusões em face dos fenômenos objetivos e subjetivos que se vão verificando diariamente. As doutrinas que se distanciam da razão e do bom senso e se afastam dos progressos da ciência, devem ser postas à margem. Além disso, todo e qualquer princípio ou teoria deve forçosamente estar em relação com os fatos que reclamam o estudo experimental, a análise, o livre exame.

O Espiritismo reveste perfeitamente tôdas essas condições e explica a contento todos êsses fenômenos como também os segredos essenciais da Psiqué, cujos fatos se acham relacionados com as encarnações que à presente antecederam como elos de uma cadeia contínua de evolução.

Por isso são numerosíssimas as transições que se têm operado da concepção materialista e da concepção espiritualista, para adoção da teoria espírita, transições estas, digamos de passagem, sinceramente feitas pelos investigadores, à medida que novas perspectivas se abrem às suas pesquisas.

Um dos fatos digno de nota, é o das «idéias inatas», que se verifica a todos os momentos, e que nenhuma filosofia pode explicar.

Allan Kardec trata magnificamente dêsse assunto nos eu «O Livro dos Espíritos», publicado há mais de 100 anos e repositório extraordinário de verdades inestimáveis, por todos os motivos dignas de atenção e estudo. Assim é que, referindo-se às «idéias inatas», explica serem elas as lembranças dos conhecimentos adquiridos em existências anteriores. Eis a resposta exarada em dito Livro à pergunta sôbre certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc., de indivíduos que não têm estudo prévio dessas matérias :

— «Êsses conhecimentos provém da lembrança do passado; do progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Donde querer que provenham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem».

De fato, a aquisição da *personalidade* nos faz antever maravilhas deslumbrantes nas profundezas da consciência humana.

As manifestações das camadas subconscientes inexplicáveis pela ciência materialista e pela doutrina da vida única, constituem um dos princípios do Espiritismo que foi entrevisto por antigos psicólogos como Sócrates, Platão, Pitágoras que lançaram sôbre êle suas vistas sutis e profundas.

Os fenômenos do inconsciente, do subconsciente, do subliminal, ainda mesmo aquêles observados nas histéricas e nos diferentes estados hipnóticos e sonambúlicos, não podem ter explicação sem o princípio anímico que reveste o *ser psíquico* e cuja existência se revela nas próprias manifestações do magnetismo e na complexa fenomenalidade anímica.

Ante as provas experimentais que nos têm oferecido os magnetizadores, provas essas corroboradas pelas experiências espíritas, ficamos sabendo que o *eu* é algo de real e concreto, independente do corpo e pode, em certos casos, abandonar êste sem perder as suas faculdades de ação.

Os casos de transposição da memória, reportando o indivíduo a passadas existências, vêm confirmar perfeitamente a explicação espírita das *idéias inatas* e desdobrar de certa forma a teoria subconsciente que separada do *princípio anímico* é inteiramente subexistente.

De fato, como conceber funções memoriais sem um agente intrínseco, essa causa íntima que denuncia a sua existência e imortalidade!

A subconsciência não pode absolutamente fornecer-nos senão o que tenha adquirido anteriormente, salvo se essas manifestações ultrapassando os âmbitos das modalidades anímicas, denunciam a existência de uma influência estranha acionando o agente.

Mas quer num, quer noutro caso, só a *teoria espírita*, por temerária que a muitos pareça, tem argumentos de grande ponderação para explicar com clareza e concisão as causas determinantes de tais manifestações.

! Espírito e Corpo !

Vimos que o espírito depende da estrutura física como o mecânico depende da engrenagem que dirige. Êle se apresenta através da aparelhagem orgânica e necessariamente sofre as consequências dos desarranjos que lhe empecem, entorpecem ou anulam as manifestações.

Entretanto, como que para mostrar-nos a sua independência, vemo-lo em pleno vigor apesar das deficiências somáticas, e em plena atividade, apesar das condições que o deviam amortecer ou mesmo aniquilar, como o sono, a narcose, a síncope e o coma.

No sono o indivíduo resolve problemas que lhe pareciam insolúveis na vigília, descobre o que lhe estava oculto, tem ótimas idéias, por vêzes geniais.

O nosso distinto conterrâneo, Dr. Osmard Faria, vem em nosso auxílio quando apresenta relatos comprobatórios: Banting quer achar a solução de um problema; cansado, adormece e o resolve. Para Fehr a maioria dos des-

cobrimentos de sábios foi feita em sono. Condorcet fazia cálculos, Coleridge, Tartini, Rosny, Von Göttingen, compunham dormindo. Conta Voronoff que uma jovem escrevia versos à noite de olhos fechados.

A êsses casos acrescentariamos outros muitos. Lembremos aquêles em que, nas nossas lucubrações, parece nula a intervenção do espírito. Dizia Schopenhauer: não fui eu que criei a minha filosofia, essa foi criada em mim, sem minha intervenção, quando minha vontade parecia adormecida.

E Lamartine: Não sou eu que conduzo as minhas idéias. Daudet: Meus livros se compõem sem que eu intervenha. Rousseau: As idéias me vêm quando querem e não quando eu quero. Nietzsche: As idéias tomam-se e não se pergunta quem as dá. Musset:—Não se trabalha, escuta-se; «*c'est comme un inconnu qui vous parle à l'oreille*».

As pacientes de Janet —, Rose,

Lucie e Leoni mostram-se muito mais inteligentes dormindo.

As idéias vivem eternamente conosco, assegura Binet em *Les Alterations de la Personalité*.

Os nossos exemplos confirmam o do médico hipnologista, corrobora-os, amplia-os, explica-os. Temos nêles o que se costuma chamar inspiração.

Ora, a Fisiologia ensina que no sono a atividade física amortece, e verificamos que há por vêzes, maior exaltação cerebral no surto das idéias, o que vem ao arrepio das noções comumente ministradas. (1)

Ainda vemos que o indivíduo exausto física e intelectualmente vai para a cama; o cérebro trabalha a noite inteira, êle sonha durante todo êsse tempo, e em vez de se acentuar o seu cansaço e de chegar a um completo esgotamento, o que aconteceria em vigília, ao acordar acha-se inteiramente tranquilo, iniludivelmente repousado.

Não é sem comoção que vemos a trabalhadeira da Ciência para explicar isto: as células se substituem, saem as fatigadas, vêm as folgadas, como se houvesse no cérebro um contra-regra. Mas porque essa *mise-en scène* não acontece na vigília, onde o cérebro está em maior funcionamento?

Muito mais fácil é entretanto supor que a energia é do espírito, e por isso, não sofre das contingências materiais.

Vamos nota-la ainda em condições outras em que é iniludível a impotência física.

Já essa energia é inexplicável quando o organismo está em repouso como no sono; vamos vê-la em outros estados, onde melhor ainda se patenteia o desprendimento dos laços corporais.

A síncope é o desmaio; há perda de sensibilidade e movimento; e a suspensão temporária da consciência devida à anemia cerebral.

Entretanto, o indivíduo vê, ouve, transpõe obstáculos, percebe o que não

pode perceber em condições ordinárias, atravessa corpos opacos.

Conta L. H. Hysman que, numa cadeira de dentista, foi submetido à ação do clorofórmio; viu-se então flutuar, sentiu-se hígido; de olhos abertos; viu do espaço o cloroformizador, o dentista, o consultório...

Em Londres foi acometido de uma síncope; pensou que estava morto, pois se percebia no espaço e ao mesmo tempo notava o corpo inanimado, de olhos fechados, com a palidez desenhada no rosto. Chegou o médico, fizeram-no voltar a si e êle percebeu que não tinha perdido a memória e a consciência. (*La Vision de Soi-Même, Rev. Mét.*, 1930, p. 190).

Narra a Sra. d'Espérance em seu livro «No País das Sombras» (*Shadowland*) p. 355:

«Era uma radiosa manhã de um domingo de verão. Estendida num sofá, tinha um livro nas mãos e o espírito ocupado em projetos que pretendia pôr em prática. Comecei a ter uma sensação estranha de depressão e as páginas que procurava ler já não as distinguia. Tudo se tornou sombrio e pensei que iria recair. Minha fraqueza porém desapareceu imediatamente; lancei o olhar para o livro, que me pareceu afastado e como envolto em nevoeiro. Levantei-me do sofá, mas uma outra pessoa nêle se achava com o livro. Quem poderia ser? Sentia-me espantosamente leve e cheia de vigor. A fraqueza desaparecera e substituíra-a um maravilhoso sentimento de saúde, de fôrça, de vitalidade como nunca sentira.

A vida acordava em mim, cintilante, palpitante, circulando através de minhas veias como correntes elétricas. Todo meu corpo parecia abrasado de novo ardor e gozava de uma liberdade sem obstáculos. Pela primeira vez conhecia o prazer da vida.

O quarto me parecia estranho, sombrio, e essa forma confusa no sofá, quem era? Parecia reconhecê-la; mas o sentimento de liberdade que sentia me satisfazia; não podia estar parada, mas para onde

(1) O sono é o repouso; a volição e a consciência estão parcial ou completamente abolidas; as funções físicas parcialmente suspensas.

ir? Dirigi-me à janela. A paisagem me pareceu estranhamente brumosa; as paredes pareciam aproximar-se para logo desaparecer; mas onde, não o poderia dizer.

Testemunhei eu mesma a sensação de completo bem estar, de liberdade, de leveza, de energia que a pessoa sente logo após haver deixado o corpo físico, por mais robusto que o fôsse. Maior deverá ser o contraste quando se trata de um corpo fraco e doente.

Ainda mesmo que tal experiência fôsse um fato cotidiano, a sensação é tão nova, tão maravilhosa, que o ser se vê feliz por sair da prisão e entrar na radiação da luz.»

Escolhi, de preferência, entre centenas de casos, o da Sra. d'Espérance, por ser ela reconhecida, unanimemente, entre os psiquistas, como pessoa de inatacável probidade.

A uniformidade dos relatos faz-nos ver que o fenômeno é quase sempre o mesmo, ou pelo menos se apresenta pelo mesmo aspecto e se desenvolve da mesma forma, o que indica não haver nenhuma fantasia no caso. E' o Espírito que se libra, independente, no espaço.

Em outras ocasiões, afasta-se do corpo e do local, atravessa muros e paredes. Muitos dêsses casos transcrevi-os em «Evolução», e seria demasiado repeti-los. Por êles o que se verifica é que o Espírito vê, ouve e sente fora do organismo, e é inteiramente inútil a a exposição anatômica e a descrição fisiológica a que se entregam os doutos, embora com grande proficiência, para mostrar a escravização da consciência à aparelhagem física.

*

Por vêzes o paciente obedece ao pedido do experimentador, e como tais experiências se assemelham aos casos comuns de hipnotismo, temos os nossos amigos confundindo-as na mesma rubrica, embora não possam explicar devidamente o fenômeno.

Nas experiências do Dr. Martins Velho ordenou-se ao chamado «sujet» que fôsse a uma loja ver o que lá se passava. Declarou êle o que vira e mais

que atavam um pacote. E como lhe pedissem que observasse o que continha, declarou, depois do exame — ora essa, fiquei com a mão suja de verde.

Dirigindo-se o experimentador ao comerciante, êste confirmou as declarações do paciente; o pacote continha verde montanha.

Em outra experiência relatou o interior do corpo.

A pedido de um amigo, transportou-se espiritualmente a Tomar onde nunca estivera, e orientado por aquêle, encaminhou-se para sua casa; descreveu o itinerário, as paisagens, o que encontrara no caminho. Em certo ponto, desviou-se e foi dar em Lisboa, que não conhecia e lhe devia ter parecido mais curioso que Tomar. Descreveu a cidade, seus principais edifícios, praças, inscrições, monumentos, voltou ao ponto de partida e acordou. (*Da existência Alma*, por J. F. Cabrera. *Estudos Psíquicos*. Lisboa—Ag.-Set. 1950.

Parece claro que o espírito, obedecendo ao experimentador, vai a Tomar e depois desprende-se da obediência e dirige-se a Lisboa, que não estava no itinerário.

Se já é difícil verificar como poderia um cérebro adormecido produzir melhor que acordado, mais difícil será vê-lo descobrir o que não se podia achar nos limites do conhecimento humano. Entretanto, e êste será um simples exemplo, em 1912 o Dr. Antoniou, de Atenas, tratando da Senhorita Sofia, pô-la em hipnose, e ela fêz espontaneamente a previsão de tôda a guerra balcânica, com seus incidentes. (*Um fato de previsão geral*.—*Rev. Métapsychique*, 1925, n.º 6, p. 377)

*

Vejamos agora uma situação onde muito menos acreditável ainda é supor-se a atividade consciente: Trata-se do coma.

O coma — define Roger — é um estado mórbido caracterizado pela perda completa ou incompleta da atividade cerebral. Pierre Marie, na *Presse Médicale*, de 6-6-14:—O coma completo é função da hemorragia cerebral. — E Sergent, em *Neurologie*, t. I, p. 137 ensina:

«O coma é um estado persistente de sonolência profunda, com perda do

conhecimento, da motilidade, da sensibilidade, mas ainda com a conservação das funções vegetativas, sendo porém habitual as suas perturbações.»

Entretanto, assegura-nos o Dr. Eugène Osty, alicerçado numa prática de muitos anos :

«Em certas afecções em que o equilíbrio mental ficou particularmente comprometido, os médicos têm assistido a manifestações de prodigiosa melagnomia. (*Melagnomie et Psycho-Physiologie experimentale*, — *Rev. Met.* n. 6, p. 377.)

E mais :

«Na agonia, o organismo está por tal forma abalado no seu equilíbrio, que a desordem se torna incompatível com a continuação da vida. Essa crise catastrófica do corpo determina o aniquilamento da função do pensamento (coma), e no entanto, muitíssimas vezes, pouco modifica a consciência, que se conserva lúcida no desarranjo acelerado das funções. O agonizante percebe o racionalmente imperceptível, revela a realidade inacessível ao meio intelectual dos que o rodeiam». (*Idem*, id., p. 165).

De pasmar será vermos ainda «nessa crise catastrófica» a visão, a previsão, a supervisão do espírito. E vemo-las.

*

Teríamos ainda que falar na memória, muito simples para muitos, a quem a sua conservação através das constantes modificações do organismo não impressiona muito, mas que deixa

perplexos fisiologistas como Richet, um dos maiores entre os maiores. Mas êste já vai longo.

*

Lembremos para o fecho, que Taylor, em *Primitive Culture*, (1, 387) nos diz que os selvagens, percebendo formas nas visões, já admitiam a alma-fantasma, e a ausência dessa faria o corpo privar-se da vida.

A alma era uma espécie de vapor ou sombra, impalpável e invisível, salvo quando se manifestava no sonho ou na visão; exerce poder físico e assemelha-se à pessoa a quem pertence; apresenta-se com as vestes e mais pertrechos usuais. Ela pode não só deixar o corpo, senão lançar-se ainda de um lugar a outro sem que a distância lhe faça obstáculo. A alma é o princípio da vida e de tôda a atividade moral do indivíduo a que pertence.

*

Vê-se que os tempos decorrem, passa-se do estado selvagem à civilização, e os fenômenos são os mesmos, as modalidades as mesmas, a impressão a mesma. Essa uniformidade, essas características, essa identidade no fato e na observação, assim no tempo como no espaço, passa despercebida. Os esforços dos que mais deviam estudar o assunto e estariam aptos a compreendê-lo é, entretanto, amarrar a alma ao corpo, segurá-la rigidamente, como se fazia antigamente aos balões, presos pelas cordas, a fim de que não tomassem vôo.

Iremos a ponto mais sério ainda, o das lesões cerebrais.

Carlos Imbassahy

OS MISTÉRIOS DA PERSONALIDADE

Nem os problemas da vida individual, nem os da vida social se explicam sem a lei dos renascimentos; todo o mistério do ser se resume nela! É dela que o nosso passado recebe sua luz e o futuro sua grandeza; nossa personalidade amplia-se inesperadamente. Sentimos que mil laços tecidos através dos séculos nos prendem à humanidade. É nossa a história dela. Dia virá em que um mundo completo de recordações reavivar-se-á em nós; o passado, o futuro, tôda a história tomarão aos nossos olhos novo aspecto, um intêresse profundo. — LEON DENIS.

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard



I V



Como vimos, no nosso último trabalho, o nosso incansável opositor, já certo de nos ter aplicado um sério revés, com o seu «grande argumento», o cão de Goltz, mais uma vez não foi feliz nas suas investidas. Após todo aquêlê seu inútil esforço, surge a seguir com o seu — O Ato Reflexo —, como sempre suprimindo com ironias a falta de eficiência dos comentários da sua inglória causa materialista.

Vejam o seu trabalho desde o início, pela ordem cronológica das suas críticas, no qual excedeu demais sua pena, tão mal sucedida quando fora da restrição do seu campo.

Indo além das suas sortidas reflexológicas, arriscou-se com ridículas comichadas, caso estivesse diante de um cruel adversário. E envolveu conosco o nosso companheiro Imbassahy, acusando a nós ambos de não termos entendido seu livro, pelo que passáramos a defender o que não foi atacado, quais modernos don-quixotes, atacando supostos inimigos. De fato, tal qual deseja, não o entendêramos, desde que esteja referindo nos seus excessos, ali onde entrou em confusões e contradições em vários assuntos, entre os quais resultou seus ataques ao Espiritismo, se bem que disto não se apercebera, por sua desatenção literária. Daí o seu engano em julgar não ter atacado nossos conceitos doutrinários, surpreendendo-se diante do nosso potencial de barragem.

Mas felizmente assim nos acusou. Mal seria-nos se dissesse que o entenderamos, porque os leitores que o leram, e depararam com as suas confusões e contradições, poderiam chamar-nos de negligentes. A prova dos seus contrastes já temos oferecido em alguns dos nossos trabalhos anteriores, cujas amostras, por si só, já seriam uma razão para justificar como não entendível o nosso atacante. Contudo, vejamos hoje mais uma das suas tantas confusões e contradições, pois outras mais nem aqui caberiam, no que ainda seria saturar os leitores com as não poucas incoerências do nosso atormentado adversário.

Ali, no seu Hipnose e Letargia, atribuindo a Kardec a origem das práticas sincréticas mediúnicas, num autêntico desconhecimento do assunto religioso afro-brasileiro, embora, por estranho que seja, cita Artur Ramos no seu livro, diz na pág. 192: «Agrupam-se os praticantes da seita de Allan Kardec em níveis diversos que fazem pressupor escalões vários de evolução cultural e desenvolvimento dos espíritos convocados, entre os quais salientam-se os chamados — centros kardecistas — (espiritismo de salão), os — terreiros —, de — quimbanda — e — umbanda —, mais conhecida a primeira delas por — macumba —, e associações esotéricas onde se praticaria a invocação da mais alta classe.»

Notemos bem: para o dr. Osmard, paradoxalmente, tudo isso é kardecismo, ou seja, Espiritismo, cujo total, como assim pretende, teria se originado com Kardec, em 1857. Já no seu — Manual de Hipnose Médica e Odontológica —, na pág. 437 diz: «São unânimes os diretores de sanatórios para débeis mentais em afirmar que a imensa maioria dos seus doentes — talvez mais de 90 % — passaram pelos terreiros de Umbanda e pelos chamados — Centros do Espiritismo».

Ora, esta suposta declaração, apresentada em uma literatura com uma parte hostil ao Espiritismo, ao qual ainda se atribui as práticas de terreiros, outro não foi o objetivo a não ser o de insinuar que nêle estaria a responsabilidade pela debilidade mental. E como nossa doutrina surgiu com Kardec, em 1857, de acordo com o dr. Osmard essa doença mental teria então aparecido também, nesse momento, com o Espiritismo.

Vejam só os leitores a confusão e contradição do nosso adversário. Além de mesclar conceitos espiritualistas heterogêneos, contrariou a própria ciência médica onde, ensinando ser essa morbidez mental de origem congênita ou adquirida por estigmas físicos de degeneração, compreende-se que essa doença surge com a humanidade; e não em 1857, com Kardec, conforme se explora na li-

teratura do dr. Osmard, atribuindo ao Espiritismo a causa da debilidade mental. E que teriam os Centros Espíritas (e mesmo as práticas de Umbanda) com essa entidade clínica de origem muito diferente, pois se não vem com o nascimento do indivíduo, seria adquirida na infância, no período de uma epilepsia, meningite ou outras doenças de comprometimento orgânico cerebral? Isto ainda torna estranha aquela declaração de diretores de sanatórios para débeis mentais.

Por isso mesmo, com tais confusões e contradições, é bom continuar propagando não o termos entendido, caso contrário caberá a nós fazermos tal declaração, para não passarmos, como já dissemos, por negligentes. Nesta parte, fiquemos por aqui hoje, pois conforme o nosso atacante vai oferecendo-nos oportunidades, iremos apontando outras dessas suas predicções, que ali não faltam nas suas literaturas.

Outra coisa foi acusar de estarmos a defender o que não foi atacado.

Se assim pretende o dr. Osmard, não ter atacado o Espiritismo, louvamos êsse seu nobre propósito. Mas, infelizmente, êsse seu desejo não se harmoniza com o que se lê ali nas suas literaturas, cujos impactos não o isenta de responsabilidade, depois de tanto ferir os nossos conceitos doutrinários. Prejudicou-nos, colocando em mãos dos nossos sistemáticos adversários, a sua opinião de ilustre facultativo, cuja palavra já começou a ser hábilmente explorada, através de outras literaturas, revertendo os seus dizeres em novos ataques ao Espiritismo. Foi êste o motivo pelo qual o nosso companheiro Imbassahy surgiu em campo, na defesa dos nossos postulados, frente aos ataques das palavras do Dr. Osmard, exploradas por um frei muito inteligente para saber tirar partido da situação. Neste caso, se pretende não nos ter atacado, porquê não confirma esta sua negativa, reparando o que vem divulgando aquêlê clérico, o qual transcreve trechos do seu livro, para desmerecer nossa doutrina?

Lamentavelmente, o simpático gesto do nosso pretense não atacante, dizendo não nos ter atacado, não se confirma. É interessante que enquanto diz agora, no seu — O Ato Reflexo —, que não nos atacara, talvez já não mais se lembre que há pouco, ali mesmo no seu

primeiro contra-rebate de agosto último, acabou de trazer aos leitores espíritas, uma evidente amostra dos seus impactos, a qual, sem recorrermos a outras, já está ali confirmando a razão da nossa defesa. Vamos mais uma vez transcrevê-la nestas páginas, e vejam os leitores espíritas com que palavras pretende, o nosso opositor, convencer-nos de não nos ter atacado: «Ali (nos centros espíritas) se trabalha sem método, desordenadamente; ali se trabalha com indivíduos que na sua maioria pertencem ao tipo débil, desequilibrado, instável, com predominância histérica ou neurótica.»

Não desejamos aqui reviver a discussão sobre aquêlê termo — desequilibrado —, cujo assunto é para outro tema, conforme já expuseramos no nosso primeiro revide. Queremos apenas esclarecer que o dr. Osmard insiste conosco de que não nos devemos julgar ofendidos com aquêlê termo — desequilibrado —, porque o mesmo não se refere a desequilíbrio mental, sendo outro o seu sentido, de significado reflexológico. Ora, assim se defendendo, de que o termo não é ofensivo, não esconde que a frase foi dirigida aos espíritas. Mas então, agora perguntamos: e aquêles outros dois — histérica ou neurótica —, a nós dirigidos, também não são ofensivos? Porquê silenciou em tôrno dêles?

Como vemos, defende-se com um termo truncado, pelo qual pretende dizer não nos ter atacado, e não se acanha em expôr a frase humilhante a nós adeptos de Kardec. Só isto chegaria para demonstrar a inconsistência do nosso adversário, em acusar estarmos a defender o que não se atacou.

Mas vamos expor mais algumas amostras dos seus livros, para os leitores terem outras confirmações, de que é inútil o bom propósito do nosso atacante, em dizer que não nos atacara, depois de ter martelado violentamente nossa posição. Sem repetirmos o tópico já exposto mais acima, de que a causa de mais de 90 % dos débeis mentais é o Espiritismo, vejamos êstes outros: «Estão aí os sanatórios, hospícios e clínicas de repouso alimentados diariamente de material recebido dos Centros Espíritas...» — «Ali também pela exploração desordenada dos fenômenos hipnóticos de base cortical, agindo sobre indivíduos Pré-Psicóticos, se promove o desencadeamento de neu-

rose e desequilíbrios da estabilidade neuromental.» (esta frase é sequência da outra, também se referindo aos Centros Espíritas.)

Aí, nesses poucos exemplos, os leitores já podem fazer uma idéia de como nós espíritas fomos tratados, quais psicopatas, ali nas literaturas do nosso atacante, nos capítulos dirigidos ao Espiritismo. E ainda vem dizer, aos espíritas, que estamos a defender o que não foi atacado. Francamente, então não sabemos como o dr. Osmard interpreta todos êsses seus têrmos das doenças mentais dirigidos aos espíritas. É uma pena; aplica-se em gracejos recomendando o Dicionário a nós e ao sr. Imbassahy, e descuida-se no estudo da interpretação de têrmos psiquiátricos, no que deveria adquirir para si um bom Manual de Psiquiatria, que tanta falta está fazendo para o seu cientificismo.

E, na sua arte de criticar, ainda intercalou mais esta novidade no seu — O Ato Reflexo.

Disse que neste ano iniciáramos com uma série de artigos muito melhor escritos, como se outra pena estivesse nos inspirando.

Se receioso de um seu fracasso, diante da nossa modesticidade, procura proteger-se, atribuindo-nos melhor auxiliados, declaramos que a ninguém usamos recorrer, seja lá para o que fôr, a não ser aos nossos poucos mas bons livros, da nossa pequena estante. Mas se o nosso estratégico opositor pretende flanquear-nos por êste lado, ensaiando-se para uma fuga dos fundamentos da questão no caso de emergência, deverá antes não se esquecer de que, no ano passado, não fomos nós que estávamos no Rio ouvindo opiniões de alguns — altos níveis —, sôbre os nossos rebates. Lembrado?

Bem, mudemos de assunto porque o fragor da luta já nos induz a crueldades, e o nosso opositor não merece trato severo, embora a isto não nos tenha poupado.

Fora as suas ironias, também muito se desgastou sôbre o ato reflexo. Mas se pretende combater Espiritismo, com a sua reflexologia, está perdendo precioso tempo com seus comentários. Que têm os nossos conceitos doutrinários com o facto de um cão preparado salivar ao som de uma campanha; de enchermos a bo-

ca d'água ao ouvirmos alguém falar limão... limão... limão...; ou seja lá o que mais fôr da mecânica da nossa vida orgânica animal que se explique pela reflexologia? Que isto tudo seja muito interessante aos fisiologistas não negamos. Mas como arma de combate ao Espiritismo é coisa completamente destituída de valor.

O dr. Osmard está errando, com muita ingenuidade, pela sua falta de espírito observador, ao trazer essa sua reflexologia para nos contra-rebater, firmado na suposição de que a nossa doutrina é de base abstrata. E se assim fosse, justificaria-se êsses seus argumentos. Mas tal não se dá. O nosso adversário, julgando o — espírito —, pelo conceito infantil de «Papai Noel, Sacy-Pererê, Bicho-Papão,» ou outras figuras imaginadas para as crianças, montou tôda a sua tese anti-espiritualista (770 páginas!), sôbre uma base falsa, por não estar sabendo que o — espírito — é uma entidade concreta. Não estamos dizendo por nós, pois não queremos que o nosso opositor acredite nos espíritas. Mas falamos pela palavra idônea e capacitada dos grandes mestres da ciência, que comprovaram a existência do espírito, não sômente pela prova química, tato e vista, como pela fotografia, sob o controle do rigor dos laboratórios. Negar agora tais testemunhos seria repudiar a própria ciência, sem mais sabermos então em quem acreditar.

Para o dr. Osmard ocupar-se dos nossos conceitos do espírito pela sua reflexologia, antes teria que vir aqui desmentir essas provas científicas, para depois avaliar se lhe conviria armar êsses seus comentários pela tese pavloviana. É uma ética do bom senso imprescindível para se fazer boa ciência. Mas atuando de trás para diante, como vem fazendo, é gastar inútilmente muita tinta e papel sem qualquer proveito entre os leitores esclarecidos.

Vê-se, como já estamos demonstrando desde outros trabalhos anteriores, que o seu cientificismo é descuidado, por ausência de coleta de informes antes dos seus julgamentos, cuja falha vem causando-lhe sérios desapontos. E se o dr. Osmard não se acudir em tempo com a palavra dos sábios, e insistir nessa sua tecla em falso, os seus tão ameaçadores contra-rebates não darão trabalho al-

gum aos nossos revides, bastando-nos apenas ir apontando a ausência de base dos seus improvisados argumentos. Contudo, tratando-se de um adversário inteligente, nestas alturas já deverá estar acordando e, talvez, suas futuras investidas ainda serão tentadas por outros lados, remediando êsses seus desacertos reflexológicos anti-espiritualistas, para

que sua queda não lhe seja tão desastrosa, conforme já estamos prevendo.

E aqui ficamos, com a nossa atenção ao seu — O Ato Reflexo —, e até a próxima vez.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. S. Paulo

Medicina e Parapsicologia

EMBORA sabendo-me completamente leigo em matéria de Medicina, ofereceu-me o dr. Levindo Mello, diplomado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, êste trabalho de sua autoria, que êle classifica de «modesto opúsculo, escrito e publicado como um pequeno ENSAIO MÉDICO-PARAPSI-COLÓGICO, ou simples ESBÔÇO CIEN-TÍFICO, que o AUTOR dedica aos MÉDICOS e demais cientistas, interessados por esta nova CIÊNCIA».

Essa *nova Ciência*, a que o Dr. Levindo Mello se refere, é a METAPSÍ-QUICA, da qual afirma que «a maioria dos médicos do seu tempo de moço possuía apenas rudimentos científicos, sendo hoje mundialmente conhecida por Ciência parapsicológica, ou somente PARAPSI-COLOGIA», sendo que também êle «não fugia a essa ordem geral da ignorância e desconhecia o assunto por completo».

Mais adiante declara que «em 1925, porém, um caso de ESQUIZOFRENIA rebelde, incurável para a nossa PSI-QUIATRIA oficial ou acadêmica, e que foi fàcilmente debelado pelos recursos parapsicológicos, orientou-lhe a curiosidade científica para êsse fascinante setor da nova ciência, isto é, a METAPSÍ-QUICA ou PARAPSI-COLOGIA, com os seus fenômenos raros, inabituais, surpreendentes, misteriosos — tão bem estudados por DÉNIZART RIVAIL, CROKES, RICHET, GERLOFF, RHINE e muitos outros pesquisadores abalizados, além dêsses aqui citados».

Como se sabe, constitui a PARAPSI-COLOGIA uma tomada de posição da ciência oficial, nìmiamente materia- lista, relativamente àqueles fenômenos

raros, inabituais, surpreendentes, misteriosos, a que faz referência o autor e para os quais o homem foi compelido a convergir a sua atenção desde que Allan Kardec lançou à publicidade, em 18 de abril de 1857, o LIVRO DOS ESPÍ- RITOS, tornando acessível a tôdas as inteligências, livres de preconceitos de ciência e de religião, o conhecimento do mundo dos Espíritos, que é o das causas e onde, portanto, tem origem a Vida, embora seja invisível, como tanta coisa em a Natureza, que é invisível, se constitui em elemento substancial e preponderante da mesma natureza, como o ar, a eletricidade, etc.

Jungida a êsse preconceito materialista, jamais a Ciência oficial, rica em admiráveis conquistas no domínio da matéria, poderá chegar ao conhecimento do mundo dos Espíritos. O dr. Levindo Mello bem sabe disso, mas deixa-se nobremente impulsionar pelo sentimento de coleguismo que o prende a todos os profissionais da classe médica, *que elegem a profissão do sofrimento*, como dizia Miguel Couto, citado, a êsse respeito, pelo autor — e, num esforço hercúleo de inteligência, procura trazer ao nível da mentalidade médica materialista o que sòmente poderá ser assimilado pelos que, espontâneamente, se dispuserem a despir essa túnica de Nessus dos preconceitos, de que se acham revestidos, para, inteiramente livres de escolas ou de sistemas, arrojam-se aos livres espaços espirituais, em que a Lógica, predominando mesmo sòbre as *realidades*, hoje tão contestadas, ao alcance dos sentidos, lhes desvendará domínios inacessíveis a outra visão que não seja a da Filosofia.

Se, «em qualquer religião, concen-

trar a atenção e o esforço em formalidades é, espiritualmente, esterilizante», como escreve Arnold Toynbee em «A RELIGIÃO E A HISTÓRIA», págs. 125 e 126, muito mais esterilizante será concentrar essa atenção e êsse esforço em pesquisas nìmiamente de ordem material, como procede a ciência oficial, que não quer entender, nada quer saber do Espírito, uma vez que estabeleceu, como regra inflexível, que só a matéria é que tem existência real, tudo o mais sendo apenas do domínio do sonho, da fantasia: simples ilusões que se desfazem no túmulo...

Queriam ver Deus, submetê-lo aos seus processos de experimentação— e só assim concordariam em apreciar todo êsse mundo do Espírito, pois que, na afirmativa do Cristo, «DEUS É ESPÍRITO E SÓ EM ESPÍRITO E VERDADE PODEM ADORAR OS QUE O ADORAM». Mas, exatamente como pôde ver a notável percuciência mental de Toynbee, já acima citado, «no universo incorpóreo da vida espritual, não é menos maravilhoso que duas lentes, através das quais a alma humana pode captar um lampejo parcial da Realidade Absoluta, fôssem criadas de rudimentos de intuição religiosa aparentemente tão pouco promissores, como os que constituem as origens históricas do Budismo e do Cristianismo, sendo, também, sem dúvida, mercê que nenhuma dessas duas lentes escuras se tenha tornado completamente transparente, PORQUE O HOMEM NÃO ME PODE VER E VIVER, como está em Êxodo, XXXIII, 20. A

visão nua da Realidade Absoluta, totalmente sem véu, iria além do que qualquer espírito terrestre pôderia suportar». (Página 127 da obra citada).

Ora, se as lentes da própria Religião devem ser assim escuras para que não sejamos fulminados pela visão nua da Realidade Absoluta, como podem as da ciência materialista deixar de ser completamente escuras!!

Exigir dos nossos irmãos, apenas adestrados na pesquisa da matéria, que aceitem os fatos do mundo espiritual como os aceitamos nós que os vemos pelas lentes ainda escuras da Religião, é não conhecer os percalços da evolução espiritual. O dr. Levindo os conhece. Deixemos, pois, os nossos irmãos continuarem a trabalhar nos alegres setores da matéria em que lhes agrada operar, e consagremo-nos, todos os que nos consagramos à pesquisa do Espírito, aos nossos sagrados misteres, sem misturar alhos com bugalhos, como estão querendo fazer os da Parapsicologia, que é por força encontrar a explicação dos fenômenos espíritas mediante os dados do seu acanhado experimentalismo parapsicológico, outra coisa não podendo conseguir mais do que essa esterilizante maneira de investigar, que redundará em completo fracasso do Espírito, para maior glória do materialismo científico.

Contudo, louvável é a intenção do Dr. Levindo Mello que poderá dizer: «Meu Deus minha consciência». Gratos lhe somos pela oferta que nos fez.

ARNALDO S. THIAGO

O Espiritismo é a Religião

VI

Allan Kardec e o Conceito de Religião

21 — Ontem, como hoje, há os que combatem o Espiritismo como religião. Mas, negar-lhe o aspecto religioso é desvirtuá-lo.

Vemos, no Espiritismo, a imagem de um tripé, tendo, em cada base, a Ciência, a Filosofia e a Religião, encimado por Deus.

Se quisermos fazer Espiritismo apenas científico ou filosófico, o tripé perde o equilíbrio. Cai. Não oferece segurança. Temos de realizá-lo no triplice aspecto.

Com a Ciência esclareceremos a inteligência, explicando os fenômenos. Com a filosofia descortinaremos os porquês da vida, que atormentam o espírito nas suas perquirições. Com a Religião, estudando, sentindo e exemplificando os

belos ensinamentos evangélicos, descobriremos os encantos da parte moral, conquistando as virtudes positivas. Exornam elas a alma e abrem as portas do entendimento para a renúncia, a tolerância, o espírito de sacrifício, o respeito ao próximo, o amor ao semelhante, o acatamento à idéia alheia.

O que importa ao Espiritismo é que seja sempre um tripé sólido, encimado por Deus, vivo, para dispor-nos ao trabalho que irmãna, ao esforço que realiza, à benção que enobrece.

«Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual êle é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada por Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da terra terás que proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana». (95)

Ei-lo, pois, com a gloriosa destinação de tornar-se «a Religião absoluta, definitiva».

«O Espiritismo, tendo seu ponto de partida nas palavras do Cristo, é uma consequência direta de sua Doutrina». (96)

Acreditar e propagar que a Codificação repele-o como Religião é cometer heresia, divorciada do bom senso, ó que não constrói. Confunde. Revela superficialidade.

«O Espiritismo vem, no tempo marcado, cumprir a promessa do Cristo. O Espírito de Verdade preside o seu restabelecimento, chama os homens à observância da lei, ensina tôdas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse por meio de parábolas». (97)

Veio à hora certa, realizando o gigantesco trabalho de concórdia e de compreensão.

«A ciência e a religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revele as leis do mundo, tendo, no entanto, umas e outras o mesmo princípio: Deus. (98).

22 — Afirma-se que Allan Kardec não disse ser o Espiritismo religião. Mas, já demonstrámos e provámos que êle o tinha também como religião. Mas, apesar disso, afirma-se ainda que em «O que é o Espiritismo» se refere ao Espiritismo como Ciência e como Filosofia, e nem uma só vez como Religião.

Todavia, como já mostrámos, êle mostrou qual a religião do Espiritismo. Isto

em trabalho isolado, não inserto nas obras que constituem a Codificação de Kardec.

Em «Obras Póstumas», no entanto, está bem legível, que

«êle (o Espiritismo) instituirá a verdadeira religião, a que parte do coração e vai direta a Deus.» (99)

E os mesmos Espíritos que o assistiam advertiram, peremptórios, categóricos:

«Não haverá diversas religiões, nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do criador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados.» (100)

Sucedeu, porém, ainda que Kardec, no trabalho que se comentou, disse que o Espiritismo «marca uma era de renovação» e que, sem dúvida, no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião.»

Acreditamos que aí se tem orientação segura a respeito de um pensamento conceitual certo, meditado, imprimindo orientação positiva a respeito do triplice aspecto da doutrina codificada.

23 — Temos como decisivo que ninguém jamais contestou que o Cristianismo é Religião. Ora, se o Espiritismo é o o Cristianismo revivido, se êle aceita os ensinamentos de Cristo, revela-os, complementa-os e amplia-os, claro que assume também o aspecto de religião, aquela que, «grande e bela», já tem os fundamentos lançados.

Entre os vários efeitos que têm causa no Espiritismo, inclusive no filosófico, há o efeito religioso:

«O primeiro e mais geral consiste em desenvolver o sentimento religioso.» (101).

Dizer-se que o Espiritismo não é religião mas que é moral, é apegar-se ao radicalismo das expressões. A moral é a consequência, é o efeito, não é a causa. É destemperar-se, fugir à realidade, esquecendo que o Evangelho Segundo o Espiritismo é um «Código de Moral universal, sem distinção de culto.» (102).

Efetivamente, há princípios que são básicos a todos os sistemas filosóficos-religiosos. A tese é pacífica:

«Tôdas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte.» (103).

Não há, no mundo, outra religião em que essa base seja tão demonstrada, tão evidenciada e provada como no Espiritismo.

Kardec, porém, tirava dessa afirmativa a conclusão de outra afirmativa :

«Deus, alma, sobrevivência e individualidade após a morte do corpo, penas e recompensas futuras constituem os princípios fundamentais de tôdas as religiões. O Espiritismo junta às provas morais dêstes princípios as provas materiais dos fatos e da experimentação e corta cerce os sofismas do materialismo.» (104).

Êstes princípios fundamentais estão inseridos no Livro do Espíritos, no Evangelho Segundo o Espiritismo, e nos demais livros kardequianos e ali são estudados, comentados, como integrantes da Doutrina revelada :

«O Espiritismo é a Terceira Revelação da lei de Deus, mas não tem a personificá-la nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado, não por um homem, sim pelos Espíritos, que são as vozes do céu em todos os pontos da terra, com o concurso de uma multidão inumerável de intermediários.» (105).

Mas, o Codificador não se limitou a deduzir e definir. Advertiu positivo :

«Notai que os princípios fundamentais são os mesmos por tôda parte e vos hão de unir num pensamento comum : O amor de Deus e a Prática do bem.» (106).

Daí, a grande autoridade do Espiritismo, que revelado, pregado e ensinado,

«Não traz uma moral diferente da de Jesus»,» (107) porque «O Espiritismo não é obra de um homem, ninguém pôde inculcar-se como seu criador, pois tão antigo é êle quanto a criação. Encontramo-lo por tôda parte, em tôdas as religiões...» (108)

Ei-lo, pois, confundindo-se com as religiões, mas destacando-se delas porque se nos apresenta escoimado de dúvidas e de incertezas. Tem evidentes superioridades sôbre elas. Cresce como doutrina filosófica-religiosa. Despiu-se dos atavios humanos e surgiu para o mundo

como a verdade pura, conducente à felicidade.

«O Espiritismo, como Doutrina Moral, só impõe a necessidade de fazer o bem e não fazer o mal. E' uma Ciência de observação que têm consequências morais e suas consequências são conformação e a prova dos grandes princípios da religião.» (109)

Na indicação dêstes princípios fundamentais, na transmissão dêstes ensinamentos, deixou Kardec, muito clara, a idéia religiosa.

Êle jamais negou a sua parte religiosa. «Il porte essentiellement aux idées religieuses...» «Se achava que o Espiritismo não era prôpriamente uma religião, com seu ritual complicado, emaranhado e inútil, quando não prejudicial, com seu sacerdócio, seus dogmas, seus sacramentos, sua intolerância, sua infalibilidade, nem por isso deixou de mostrar a parte religiosa que lhe tocava.» (110). E tanto é verdade, que, em Obras Póstumas, pág. 37, lê-se: «Manifestações dos Espíritos. Caracteres e consequências religiosas dessas manifestações.» Para coroar êstes argumentos, tão eloqüentes e significativos, temos que

«O sentimento religioso domina nas evocações e em nossas reuniões; mas não temos fórmula sacramental; para os Espíritos o pensamento é tudo e a fôrma nada. Nós o chamamos em nome de Deus porque cremos em Deus e sabemos que nada se faz neste mundo sem sua permissão.» (111)

Noraldino de Mello Castro

(continua)

-
- 95 — KARDEC — *Obras Póstumas*, pág. 200.
 - 96 — GENESE, n.º 11, 13, 14, 19, 45, apud C. IMBASSAHY, *Religião*.
 - 97 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 115.
 - 98 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 47.
 - 99 — KARDEC — *Obras Póstumas*, pág. 288.
 - 100 — KARDEC — *Obras Póstumas*, pág. 260, C. IMBASSAHY, *Religião*, pág. 62.

- 101 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 474.
- 102 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 16.
- 103 — KARDEC — *Obras Póstumas*, pág. 38.
- 104 — KARDEC — *Obras Póstumas*, pág. 33, n.º 9, *Ofr. O que é o Espiritismo*, pág. 99.
- 105 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 46.
- 106 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 478.
- 107 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pag. 475.
- 108 — KARDEC — *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pág. 471.
- 109 — KARDEC — *O que é o Espiritismo*, pág. 107.
- 110 — CARLOS IMBASSAHY, *Religião*, pág. 109.
- 111 — KARDEC — *O que é o Espiritismo*, pág. 102.

NOTA — Servimo-nos das seguintes edições: O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, ed. 28.ª, de 1943; O *Livro dos Espíritos*, ed. 18.ª, de 1942; *Obras Póstumas*, ed. 9.ª, de 1942; *O que é o Espiritismo*, ed. 7.ª de 1934.

Hipnose e Espiritismo

Osmard
Andrade

V — EXCITAÇÃO E INIBIÇÃO

A *irritabilidade* dos antigos fisiologistas, hoje dita *excitabilidade*, é a principal característica da matéria viva. Tudo aquilo que chega ao «conhecimento» do tecido vivo (e não vá o sr. Cassella interpretar esse *conhecimento* como *cultura!*) só o consegue mediante a propriedade que tem tal tecido de excitar-se, de perceber, de sentir, de receber mensagens, de sofrer, enfim, o contacto com o ambiente circundante. Isso tanto acontece em relação ao que nos vem de fora (o som, a luz, o calor, etc.) como a tudo aquilo que acontece dentro de nós mesmos (a dor, a fome, o desejo, a imposição exonerativa, etc.). A essa capacidade, portanto, que tem a célula viva de captar as mutações ambientais e de a elas reagir, de um ou de outro modo, a isso entendemos por *excitabilidade*.

O fenómeno oposto, complementar e compensador, é a *inibição*. Pela capacidade de inibir-se, de eximir-se, de ocultar-se, a célula viva defende-se da excitação continuada ou intensa, extemporânea ou perturbadora. Pela *inibição*, enfim, a célula nervosa garante o seu repouso. Já aconteceu ao leitor fazer uma viagem de trem, certamente. Durante algumas horas, sentado, olhos postos na paisagem sempre igual e monótona que *corre* para trás. E a ouvir aquêle sempre igual e irritante pá-cá-tá... pá-

cá-tá... das rodas sôbre os trilhos. O passar das imagens e o ruído, excitações monótonas e persistentes, acabam por fatigar o cérebro. Pouco a pouco, uma suave sonolência assalta o viajante. E êle adormece lenta e molemente. O sono, processo inibitório por excelência, apagando a percepção dos excitantes continuados, fê-lo repousar o cérebro. Já aconteceu também ao leitor um momento de pânico, de pavor? A violenta excitação leva-o a um estado de paralisia, de perda da voz, a um momento de total incapacidade para reagir. A sôbreexcitação levou-o a uma *super-inibição*. São fenómenos opostos complementares e compensadores.

Estarei dando, talvez, exemplos por demais triviais. Mas não quero forçar o sr. Imbassahy a procurar correndo um dicionário. Espero que até êle entenda isso.

Há inúmeros tipos de *inibição* da célula nervosa: externa, interna, por retardo, por diferenciação, somativa, por extinção, vestigial, supraliminar, e estudá-las aqui, a cada uma, seria transformar a RIE num tratado de neurofisiologia. Inexequível. Basta que se consiga transmitir aos leitores desta revista um mínimo indispensável de conhecimentos que lhes permitam alcançar a natureza fisiológica do estado hipnótico — e por extensão, do fenómeno espiri-

ta. Sem ser necessário recorrer a ridicularias da ordem dos «mentaltons», «bions» e «intelectons», ou nomes parecidos, criados pela fértil imaginação de um pitoresco sr. Hernani Andrade...

Saibam inicialmente que essa inibição, obedece a leis fixas e determinadas pela neurofisiologia através MILHARES de experiências de laboratório, realizadas durante quase um século de pesquisas, e que são, fundamentalmente, três: —

1) *Tôda excitação localizada a um ponto do córtex cerebral, tende a irradiar-se por igual a tôda a região cortical, promovendo uma onda inibitória de retôrno em direção ao centro de origem, circunscrevendo-o.*

Explico-me: imaginem uma pedra atirada ao centro de um lago tranquilo. O ponto de queda da pedra, seria o centro de incidência da excitação. A partir dali, surgem ondas concêntricas que se afastam omnidirecionalmente (em tôdas as direções, sr. Imbassahy!) até atingir as margens do lado. E ali, ao se chocarem contra as paredes ou margens, refluem, em novas ondas de retôrno, que tenderiam, se fôsse o caso do lago igual ao da contextura contida e regular do cérebro, em direção ao ponto de origem. Ao atingirem essas ondas de retôrno, o ponto do cérebro de onde se originou a onda excitatória, circunscrevem, bloqueiam, isolam êsse ponto, para impedir que novas ondas de excitação continuem dali partindo. Cria-se, pois, em tôrno do foco inicial de excitação, uma zona de barragem, de inibição, de defesa.

2) *A todo estímulo excitatório corresponde uma onda inibitória proporcionalmente mais forte.*

Isto significa dizer que, em neurofisiologia, a onda de retôrno é sempre proporcionalmente mais intensa que a de origem, ou seja, que a fôrça centrípeta é sempre mais forte que a centrífuga. Em consequência, a zona de bloqueio defensivo de um ponto excitado tem condições, em termos de intensidade e energia para isolar de maneira útil o ponto irritado.

3) *Todo refôrço da excitação acarreta um refôrço da inibição, e vice-versa, todo refôrço da inibição provoca um refôrço da excitação. Esta é a lei das induções positiva e negativa.*

Em outras palavras, se se continua

a promover a excitação do foco cerebral inicialmente atacado, a onda inibitória também, conseqüentemente se reforça. E potencialmente, a inibição será sempre proporcionalmente mais forte, conforme já vimos.

Voltemos ao leitor que viajava de trem, e apliquemos-lhe, em termos práticos, essas leis. O ruído das rodas do trem, excitando-o continuamente, maltratando o seu centro de percepção auditiva. Aí se cria um foco de excitação, que se irradia a todo o cérebro, em tôdas as direções. A onda inibitória de refluxo, tende a bloquear a zona auditiva, para que aquela fadiga não se transmite a todo o sistema nervoso. Mas a excitação continua, reforçando-se. Reforça-se também a zona de bloqueio inibitório de defesa que cresce, e pouco a pouco, a onda de inibição, ela própria começa também a difundir-se a todo o território cerebral. A perna do leitor escorrega, a cabeça pende, os olhos tornam-se pesados, um braço cai... e o leitor, suavemente, adormece. E adormecendo, que lhe acontece de mais importante? *Deixa de ouvir o ruído que o irritava.* Defende-se da agressão. Protege-se. Repousa. Dorme. Isto é hipnose. Um tipo de hipnose. Mas não é tudo.

Não posso furtar o leitor à compreensão do que, em reflexologia, chamamos de *ponto vigil*, ou ponto de vigiância, ou ponto hipnótico.

Aquêle ponto cerebral — no caso o auditivo — continua, na sua viagem de trem, a ser excitado. O trem continua andando, as rodas ferindo os trilhos. E o pa-cá-tá continua. Continuamente percebido pelo seu centro de audição. E isto já não o incomoda mais porque a inibição o protege. Mas o ruído continua. Mantendo o seu cérebro permanentemente ligado ao ambiente. Tanto que se, a um dado momento, o ritmo se modifica, ou pela diminuição da marcha do trem ou pela sua brusca aceleração, o leitor, provavelmente, despertará, ou se sobressaltará. Ou perceberá, por uma *«misteriosa intuição do além»*, que está na hora de saltar.

Imaginem o moleiro que dorme tôdas as noites ao ruído monótono e sempre igual das pás do seu moinho. Se, durante a noite, faltando o vento, o moinho pára, o moleiro acorda. O silêncio — parece paradoxal — o acorda.

Imaginem a mãe que adormece um pequenino filho adoentado. Durante a noite, o menino modifica o seu ritmo respiratório ou emite um levíssimo vagido. A mãe, aflita, acorda. A um ruído quase imperceptível.

Em todos os casos, havia um tipo especial de sono, de inibição do cérebro, no qual um ponto dêle, permanecia ligado ao ambiente. É o que chamamos de ponto de vigilância, de excitação continuada, que alimentando a inibição, serve também, pela alteração de sua fisionomia, para desinibir o cérebro freiado.

Já perceberam a esta altura os leitores da RIE, a importância da característica dos estímulos que provocam o sono. Em todos os exemplos que citamos, os ruídos eram sempre *monótonos, débeis, repetidos e ritmados*.

Já lhes aconteceu assistir a uma conferência ou palestra, na qual o orador fala sempre igual, sem alternâncias na modulação da voz, sem colorir-lhe as inflexões, arrastando-se, naquele ritmo que o público, pitorescamente, apelida de pa-ta-ti...pa-ta-tá... de blabla-bla... de lenga-lenga? E não lhes cansa ouvir tal orador? E não fazem fôrça para evitar o indiscreto bocêjo? E não procuram arrumar-se nas cadeiras, mudar de posição, para manter os olhos bem abertos, mesmo quando a atenção enfranquece? Pois aquilo também é hipnose. Pois aquêle excitante, a voz do orador, é monótono, débil, ritmado, repetido.

Partimos dêsses conhecimentos para a configuração de uma lei geral do sono. Sempre que submetemos determinado ponto do córtex cerebral à ação de um estímulo qualquer que por sua natureza seja repetido e monótono, se tal estímulo não se faz acompanhar de nenhum outro que intercorra com sua ação, mais cedo ou mais tarde esta estimulação conduzirá o paciente à sonolência e ao sono. Mesmo que o ponto excitado do cérebro esteja conectado com qualquer outro setor do próprio cérebro — a conexão temporária — ou do resto do organismo. Praticamente não há exceções a essa regra, e MILHARES de experiências de laboratório o comprovam. Todo estímulo monótono, repetido, débil, leva ao sono. Pela criação de um foco de excitação cõrti-

cal. Pela conseqüente irradiação da excitação e da inibição que, de volta, tende a concentrar-se em tórno do foco de excitação. Se a estimulação prossegue e a inibição avança, o sono será completo e profundo. Cessando o foco externo de excitação, apagando-se então todo o cérebro, teremos o sono comum, fisiológico. Se permanece atuante o estímulo inicial, mantendo vigil um ponto do cérebro, teremos o chamado sono hipnótico, comandado.

Espero que tenham entendido, pois não me está sendo fácil reduzir a meia dúzia de páginas um assunto de alta complexidade e que já encheu bibliotecas. E que já levou o sr. Imbassahy, não sei quantas vezes ao dicionário, apenas por ler três ou quatro trechos do meu livro em transcrição do padre Boaventura. E que já obrigou o Sr. Casella a cometer a «gaffe» de escrever dúzias de páginas para criticar expressões que não entendeu.

Temos assim esquematizado, *resumidíssimamente*, o que seja o estado hipnótico nos animais, de um modo geral. Para melhor compreender a hipnose humana, teremos de voltar a discutir novamente o valor da palavra, imbricando-a com o mecanismo excitatório em função do segundo sistema de sinalização, que já discutimos em capítulo anterior. E como o nosso objetivo principal, nesta série de artigos — que já se vai tornando longa mas, lamentavelmente para a direção da Revista e honrosamente para mim — terá de prolongar-se ainda por outros tantos capítulos — é o entendimento da fenomenologia espírita à luz da reflexologia, não poderemos fugir também ao estudo do que entendemos por condicionamentos de segundo grau, pelo pensamento, pelo exemplo, e pela vontade, estados que caracterizam a chamada auto-hipnose. Antes disso, no entanto, quero convocar os srs. Casella e Imbassahy — podem guardar os dicionários — para uma discussão em conjunto daquilo que chamamos, em reflexologia, de tipos nervosos. E onde vamos, afinal, dissecar cruelmente os tipos «*débeis, instáveis e desequilibrados*», que tanto mal fizeram aos meus ilustres opositores.

A seguir : — «*Débeis ? Desequilibrados ? Instáveis ?*»

Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo



Do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo recebemos o seguinte comunicado :

São Paulo, 25 de Setembro de 1961

«Ilmos. Srs. Diretores de

**Revista Internacional de
Espiritismo**

Av. 28 de agosto, 780 — Matão

Prezados Confrades :

Com o nosso voto de muita paz, dirigimo-nos a VV. SS. para lhes solicitar a gentileza da publicação, no próximo número dêsse acatado periódico, da nota que vai a seguir, e que como os confrades constarão, por se tratar de assunto doutrinário, é de magna importância.

O CLUBE DOS JORNALISTAS ESPÍRITAS DE S. PAULO, em face da propaganda que vem sendo feita para a introdução de rituais de casamento e batizado nos Centros Espíritas, cumpre o dever estatutário de esclarecer que essas práticas são contrárias à Doutrina Espírita.

O Espiritismo tem por finalidade o restabelecimento do Cristianismo em sua pureza primitiva, como religião em espírito e verdade, sem fórmulas sacramentais, ritua-

lismos ou qualquer espécie de culto exterior. Corresponde às exigências da evolução espiritual do homem, nesta fase de transição da vida terrena. Os Espíritas não podem trair as elevadas finalidades da Doutrina, para a satisfação de velhos hábitos religiosos de alguns adeptos novos.

Ao mesmo tempo o Clube se manifesta contrário as propostas de inclusão, na doutrina, de inovações de qualquer espécie, por não reconhecer, em pessoas e instituições do presente, nenhuma autoridade espiritual para tanto. Entende o Clube que a codificação kardeciana, em vez de ser atingida por qualquer pretensão dessa espécie, deve ser melhor e mais profundamente estudada nas instituições doutrinárias.

Agradecendo a gentileza dessa publicação, agradeceríamos também se os confrades tivessem a bondade de nos enviar um exemplar da sua Revista com a mesma a fim de constar em nossos arquivos.

Assim é que lhes apresentamos os nossos melhores votos de

Muita paz

Renato Wasth Rodrigues

Secretário

Comunicado do nosso Representante na Capital

Recebemos comunicado do Representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo» na Capital, nosso esforçado confrade Vicente S. Netto que, em virtude de a Livraria Espírita Emmanuel ter passado para novos proprietários, os assinantes destas nossas publicações, na Capital, deverão aguardar a indicação de novo local e Representante, visto o mesmo achar-se licenciado, a pedido.

Serões Bíblicos - VII

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do capítulo VII)

— Queres examinemos agora a vida e as obras de alguns dos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e que esperam prêmios e castigos «post mortem»?

Chilon — Examinemos. Melhor até nos seria estudarmos os procedimentos e a vida daqueles que, além de crentes das coisas atrás relacionadas, são professores da reencarnação e da comunicação dos espíritos. Estes têm mais obrigação que os outros de serem comedidos, pois nas sessões práticas do Espiritismo assistem ao espetáculo vivo do que sucede aos maus e aos bons, e nas ruas de tôdas as cidades encontram mendigos, aleijados e loucos, os quais dizem ter sido os grandes, os poderosos e os abusadores de outrora.

Árago — E se algum desses, moídos pelas verdades que dissermos, nos xingar de idiotas, de tolos, de ingênuos, de infantis, de ignorantes, que faremos?

Chilon — Daremos de ombros, como se nada nos tivesse acontecido!

Árago — E se o sujeito nos xingar a nós de safados, de salafrários, como me aconteceu xingar-me disto o Sr. Blénio Trivelino? Salafrário quer dizer safardana, desprezível, abjeto, ordinário, patife, e tudo isto doeu-me muito, pois ainda sou orgulhoso e não tão senvergonha assim que me fique rindo ao ser insultado. Será que devo fazer de conta que sou mesmo um desbriado, um canalha, *Chilon*? ou devo sair a campo a fazer panegírico de minha pessoa, declarando nêle as minhas virtudes, visto que meus detratores tomaram à sua conta só falar dos meus defeitos?

Chilon — O melhor é deixá-los xingar, escumar de raiva e endoidecer, como já o fizestes com o Lúdio e com o Trivelino! Vós já não dissestes viver fora desta nossa época de loucuras e desmandos? Pois ficai fora do espaço e do tempo, e nada vos atingirá! Que se doam os corrigidos, por causa da correção, que isso pouco se vos há de dar!

—Ligai vosso gravador magnético

e soltai a fita em que está gravada aquela auto-sugestão que diz:

«—Árago, repousa em paz, em teu sono profundo... Esquece tudo... abandona-te como o mumificado que a música de fundo (*) sugere... Esquece teus opositores... Eles não existem, e ainda que existissem, nada poderiam contra ti, pois não lograriam penetrar nesta cidadela em que tu habitas isolado... A solidão te é suave, e doce o abandono a que te entregas... Faze de conta que és outra pessoa que não tu mesmo... e é contra essa outra pessoa que se enfurecem teus detratores... Ao acordares dêste sono bom, não te lembrarás nem mesmo de que tens opositores, quanto mais do que vozeiam eles... Tua cidadela que erigiste, é inexpugnável, e a ela só tu tens acesso... Dorme, Árago... dorme etc.»

Árago—Bom conselho é o teu, *Chilon*! Melhor me é mesmo estar eu morto que vivo, em relação aos homens da Terra. Nada poderão contra mim os Trivelinos, os Lúdios, os Biberões, os Macários, os Pigargos, os Pangolins, os Górgones e os Fungões, porque estarei protegido por esta lousa que me cobre a campa, e na qual se lê: «Requiescat in pace». Eis que morri antes de morrer, com ter metido tempo, como aconselha *Vieira*, entre a vida e a morte. «Lucílio meu, diz *Sêneca*, escrevendo de Roma a Sicília (...), considera com atenção o que agora de direi, e toma um conselho que te dou como mestre e como amigo. Se queres morrer seguro, e viver o que te resta sem temor, acaba a vida antes da morte». (*Vieira*, *Sermões*, 2, 227 — Ed. das Américas). «Eu já acabei com o mundo, o mundo já acabou para mim; que importa que se acabe para os outros? Lá se avenham com os seus trabalhos, pois vivem, que eu já acabei a vida» (op. cit. 2, 262).

Chilon — Falai-me, pois, debaixo

(*) Música do filme «O Egípcio» de *Mika Waltari*. Produção em Cinemascope da «20 th Century Fox».

dessa pedra, e anotarei tudo o que disserdes.

Árago—Então toma nota: na imprensa espírita (que das outras nem vale a pena falar) é comum as polémicas se degenerarem em desabafos agressivos, tempestades emocionais, violentas, descaridosas, pelo que me fico a perguntar: de que vale então a crença na reencarnação e na comunicação dos mortos, se fica menosprezada a moralidade do Evangelho que declara sem rebuços: se a vossa justiça não superar à dos escribas e fariseus, de maneira nenhuma não entrareis no reino dos céus (Mat. 5, 20)?

—Quem quer que escreva um livrinho medíocre, sem originalidade nenhuma e sem estilo, água rala na forma, e no fundo, pura compilação de idéias doutros livros, fica, depois a clamar pela crítica que não vem; mas aí daquêlê que não elogiar o seu autor, que não disser que êle é um talento, um gênio. Basta criticar as idéias, e já seu autor, pessoalmente ofendido, se sai a defender-se com duas pedras nas mãos, e sem caridade nenhuma xinga o crítico de tolo, de ingênuo, de ignorante, e até de safado e salafrário xinga; há de se lhe aturar os desaforos, ficando o crítico num dilema: ou descer ao nível do escrevinhadeiro, ou lhe fazer ouvidos de mercador. Não se pode criticar idéias nenhuma sem receber, em resposta, algumas grosseirias de seus autores ou simpatizantes; e êstes mesmos são os que vivem a repetir, como papagaios, que «*fora da caridade não há salvação*», que a «*vida prossegue depois da morte*», que o «*espírito se reencarna para evoluir*», etc. Mas decerto não acreditam a nada destas coisas, porque mostram o mais incrível desamor na linguagem desabrida e descortês que usam, cheia de sarcasmos e humilhações em relação a quem são dirigidas, como se não foram espíritas, e sim, meros tropeiros de mulas que se pusessem a escrevinhar.

—Dêste modo, Chilon, fica evidente que não tem valor nenhum religioso, isto é, de religar com Deus, a ciência da reencarnação e a esperança da promessa de prêmios e castigos depois da morte.

— Queres que eu pare aqui, agora, meu amigo, ou devo continuar?

Chilon—Continuai, continuai! que vossa lição a mim me é dirigida, que não a outros!

Árago—Então manda para teu amigo de Piraju sòmente o que convém; não me suceda que alguns se saiam contra mim, vencendo-me, de vez, por meio de xingos, que esta tem sido a melhor maneira de argumentar, de provar uma verdade irrefragavelmente.

Chilon — Ficai quedo aí debaixo da lousa tumular, pois já vos considerastes morto; prometo-vos não trazer coisa nenhuma da crítica, seja boa ou seja má, que ambas, alegria e tristeza, perturbam a placidez do espírito contemplativo da verdade. Continuai, portanto, peço-vos!

Árago—Continuemos então, eu a te falar, e tu a me ouvir:

—Dentre os espíritas há os que fazem panegírico das obras em detrimento da santificação; fazem paralelos entre pecadores, porém praticantes de obras filantrópicas, mas que continuam escravos de seus vícios e do pecado, com santos, sem vícios nenhuns, senhores de si mesmos, porém inativos quanto à filantropia. Feito o paralelo, colocam os viciados, isto é, os pecadores ños céus, ninfados de luzes divinas, no passo que os santos são infernados, nas penumbras e sombras dos planos baixos. A moral de tais fábulas é que, entre ser pecador com obras sociais, e santo, sem elas, é preferível ser pecador que santo, como se pecado não fôsse a vitória da animalidade sôbre o espírito, e a santidade, às avessas, a vitória do espírito sôbre as baixas e grosseiras impulsões biológicas.

—Na parábola dos dois filhos, o pródigo, e o não, fazem a excelência recair sôbre o pródigo, e pecador, e doido pastor de porcos, em vez de sôbre aquêlê filho que não caiu, ao qual chamam egoísta. E vá a gente citar nomes...

—O conteúdo dos espíritas não difere do dos católicos e protestantes, havendo-os, em tôdas as seitas, bons e maus. Dentre os espíritas há alguns tão intolerantes que, paradoxalmente, tomam por tema o falar da intolerância doutras religiões que praticaram barbaridades no passado, única e exclusivamente, por serem ainda formadas de involuídos. O que vale é a substância dos homens que integram um grupo social,

e não o nome pomposo que se dê. Uma sociedade de santos e de gênios será boa, honesta, benfazeja, tenha o nome que tiver, e não adianta os homens-lobos se darem o nome de benfeitores da humanidade; por isso é erro crasso criticar uma idéia pela ação e vida dos homens que fazem dela uma bandeira, e nada mais que uma bandeira.

— Com os tais que fizeram do Espiritismo apenas uma bandeira a mais, não se pode ter uma altercação proveitosa, para esclarecer coisa nenhuma porque se saem a campo, há de ser para lutar e vencer. Dêsse jeito as discussões (que poderiam ser como as da matemática, quando estuda uma fórmula) se resolvem em polêmicas azedas, numa pura conquista de vitórias. Como o que se buscam são vitórias, e não a verdade, xingar dá resultado, porque o opositor, se é nobre, abandona a liça, enojado, deixando os louros para o pelotiqueiro. Eis aí, Chilon, como se prova uma verdade de maneira irrefutável! E o público que acompanha essas pelejas, nem sempre evoluído, dá razão ao asno que melhor souber escoicear. Aqui está como procedem alguns daqueles mesmos que se dizem crentes da sobrevivência da alma, e das recompensas e punições futuras, quer sejam eles católicos, ou protestantes, ou espíritas. Onde é que está, então, Chilon, a religião dessa gente?

Chilon — Não há dúvida nenhuma que a religião dessa gente é só rótulo periférico e não conteúdo e vida, como é bem que fôsse. Se, como diz Kardec, e os espíritas papagueiam, «*fora da caridade não há salvação*», então é certo que ninguém se salva, porque sendo a caridade amor, ninguém há que a tenha. Todos se iludem com a filantropia, con-

quanto São Paulo tenha dito, definindo bem o termo, que *poderia distribuir todos os seus bens para sustento dos pobres, e contudo se não tivesse CARIDADE nada seria* (I Cor. 13, 1 a 8); logo, caridade é mais que a só filantropia com a qual todos se iludem.

— Fica-se a polemizar sobre se o que salva é a fé ou são as obras, quando Cristo deixou explícito que nem só a fé salva, porque ela pode existir sem obras, conquanto morta, como refere Tiago, nem só as obras salvam, visto poderem existir sem fé, como são as obras assistenciais do materialismo (justiça social); mas o que salva de estar nesta miserável Terra, indo a gente para planos e planetas superiores, é o amor, este sim, incapaz de existir sem obras. Não poderá dormir tranqüila a mãe que tem o filho doente, e é seu amor que a faz já insone, já solícita, já operosa ao lado do berço. E este mesmo amor divino que impele à ação a mãe humana, existe na leoa que defende os seus cachorros. Tal o amor, e só por isso salva!...

Árago — Bravo, Chilon! Ganhaste mais um tento!... Esse é o amor que Cristo prégou e exemplificou em todos os passos da sua vida. Todavia os religiosos atrás descritos ainda precisariam estar sob o guante do Terror. Eles só conhecem uma lógica, a da fôrça. Isto foi precisamente o que enxergou o gênio de Moisés, pelo que criou o seu Jeová segundo as necessidades de selvagens. Por isso o Deus de Moisés havia de ser um Deus de fôrça, e não um Deus de amor; um Deus que age na hora por uma providência extraordinária, e não a longo prazo, como é o Deus-Lei que promete penas e recompensas futuras.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.\$ 400,00	Ano de 1949	cr\$. 300,00	Ano de 1955	cr\$. 300,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 300,00	» » 1956	» 300,00
» » 1946	» 300,00	» » 1951	» 300,00	» » 1957	» 300,00
» » 1947	» 300,00	» » 1952	» 300,00	» » 1958	» 300,00
» » 1948	» 300,00	» » 1953	» 300,00	» » 1959	» 300,00
		» » 1954	» 300,00	» » 1960	» 300,00

Crônica Estrangeira

FANTASMA HIPNÓTICO

Em seu livro—*O Problema Psíquico*—o Dr. John Bjorkhem, psiquiatra sueco, explica como se cria uma aparição pelo hipnotismo. Ele hipnotizou uma moça de 17 anos e lhe ordenou que em pensamento ela fôsse para casa, que ficava a 250 quilômetros dali.

A moça disse que estava sentada na cozinha de sua casa, tendo um dos pés sôbre uma cadeira. O pai estava lendo um jornal e a mãe fazendo o serviço da casa.

Poucas horas depois, uma das amiguinhas da moça recebeu um chamado telefônico dos pais da moça, e disseram êles que tinham visto a filha na cozinha, descansando um pé sôbre a cadeira, mas que desaparecera sem dizer nada.

Há também os Espíritos zombeteiros, a que alguns chamam fantasmas enganadores e barulhentos — o *poltergeist*.

Usa-se êsse têrmo para designar os projéteis voadores, móveis que se mexem, ruídos estranhos e outras coisas para as quais parece não haver explicação natural, ou causa física.

Os pesquisadores do Dr. Rhine — do Laboratório de Parapsicologia da Duke University—salientam que em cada caso, que investigaram, de «fantasmas barulhentos», estava sempre envolvido algum adolescente que padecia de conflitos emotivos. Acham êsses pesquisadores que tais fenômenos mui provavelmente se dão por causa da atuação da PK (fôrça psicocinética), ou o poder que a mente tem sôbre a matéria.

Casos de aparições há inúmeros, sempre contados.

A Sra. G. W., filha de pastor protestante que mora em Indianópolis, estava esperando bebê, e conta que certa noite dormira já umas três ou quatro horas.

—Despertei—diz ela própria—ouvindo alguém me chamando pelo nome. Sentei-me na cama e vi junto de mim o vovô, que estava morando em Wilmington, no Delaware, com meus pais. Muito calmamente, êle disse:—«Não se assuste, sou eu. Acabo de morrer».

Comecei a chorar e me virei na cama para acordar meu marido. Meu avô disse:—«É assim que êles me devem enterrar». Usava uma gravata borboleta. E disse mais:—«Queria também dizer a você que eu estava esperando morrer desde que Ad se foi». Ad—Adelina — era sua falecida mulher.

Conquanto o marido da Sra. G. W. insistisse com ela, dizendo que tudo não passava de pesadêlo, deu-se por vencido e telefonou para a casa do sogro. Eram exatamente 4 horas e cinco minutos da madrugada.

«Minha mãe surpreendeu-se muito com o chamado telefônico e disse que estivera de pé tôda a noite. Esperava que chegasse a manhã para nós comunicar que meu avô falecera às 4 da madrugada».

Na Inglaterra dá-se muito mais atenção às visões ou fantasmas do que nos Estados Unidos da América do Norte.

Não é de hoje que o povo britânico tem mêdo de passar por perto do Lago Negro de Morridge, perto de Leek, no Staffordshire do Norte, porque lá, segundo a lenda popular, aparecem «mãos em garra» sedentas de muitas vidas.

O pintor Rutland Berisford e um companheiro contaram ter visto certa vez levantarem-se daquelas águas «duas mãos brancas, com os dedos em garra, voltados para o nosso lado, como se quisessem arrastar-nos para o fundo do mar».

Disse Berisford textualmente:

—Foi sòmente com um tremendo esforço que escapámos de saltar para dentro do lago. Logo a seguir, as mãos desapareceram.

Há questão de cinco anos, Carlos Dean, membro do Clube de Pesquisas Psíquicas de Chester (Inglaterra), viu-se obrigado a enfrentar o «fantasma» de Gwin Roberts, falecido em 1800.

Parece que Roberts repentinamente surgiu na cozinha de um café de Ruthin (Gales Setentrional) quando Dean entrou ali para socorrer a garçõnete amedrontada.

Conta Dean que o «fantasma» de barbas foi dizendo:

—Estou procurando um velho companheiro de bar. Eu o perdi de vista nas últimas noites e estou apreensivo, sem saber o que aconteceu.

— Porque não vai ver sua mulher? — sugeriu Dean.

Irritado, o «fantasma» disse:

—Não se faça de bobo. Ela morreu.

Usei então de tato — continuou Dean—e lhe disse que êle não fôra procurado, nem se desejava a presença dêle ali. Isso deu certo, porque êle se encheu de brios e, pisando forte, foi-se embora.

(«Reformador», de «O Globo», de 22-10-56).



OS DOIS AMIGOS DE MEGARA

Cícero relata o seguinte caso:

Dois jovens arcádias, amigos íntimos desde a infância, percorriam juntos o mesmo caminho em certa viagem.

Chegam a Megara, e um dêles desceu na casa de um parente e o outro vai a uma hospedaria.

Depois de cear, cansados da viagem deitam-se, e o que ficara com a família viu em sonhos que o amigo implorava auxílio, porque o hospedeiro queria matá-lo. Assustado pelo pesadelo, levanta-se. Mas convencido que tudo era um sonho, deita-se novamente e volta a dormir tranqüilamente, mas a visão se renova, implora que ao menos vingue a sua morte, já que não quis, defender a sua vida. Conta-lhe que fôra assassinado pelo hospedeiro e seu corpo fôra atirado num carro coberto de estêrco. E pediu que vá muito antes que o carro chegue à porta da cidade e saia. Aterrorizado, levanta-se imediatamente e vai ao lugar indicado pelo sonho, e ao primeiro carreiro que chega pergunta o que leva o seu carro. O condutor foge e debaixo do esterco encontra o cadáver do amigo assassinado.

(*Dos Fantasmas. Por Otero Acevedo — Constancia.*)

Espiritismo no Brasil

III Semana Espírita «Cairbar Schutel» (16 a 22-IX-1961)

Conforme anunciamos em nosso último número, realizou-se com pleno sucesso a III SEMANA ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL, sob os auspícios da Associação com o mesmo nome, em Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro.

Durante 7 dias (16 a 22/9/61), o povo da próspera cidade fluminense esteve com as atenções voltadas para aquêle certame de cultura, educação e conagração humanos, numa demonstração de franco progresso intelectual e de interêsse de conhecer a verdade através à Doutrina dos Espíritos.

Vencendo, ano após ano, dificuldades compreensíveis, os promotores dêse movimento de cultura colheram, afinal, êxito absoluto, desta vez num prenúncio agradável do que serão os conclave futuros na terra de Lima e Silva.

1.^a Jornada - 16-9

O primeiro orador, no dia 16, foi

o confrade Newton Boechat. Com o tema «Chico Xavier, Antena Psíquica», foi brilhante ao descrever o que representa a mediunidade e o que ela exige para a criatura alcançar elevado desenvolvimento. Enumerando e comparando as provas por que passou Chico Xavier como médium psicógrafo de escritores e poetas ilustres, disse que as suas obras visam dar ao homem um sentido de direção. Que o médium de Pedro Leopoldo não obteve, do Alto, miraculosamente, o dom que possui, mas que êste se expandiu por fôrça de demorados exercícios e da prática fiel dos preceitos morais, ensinados pelos espíritos. Que tal progresso é defeso a tôdas as pessoas que se empenham pela própria reforma moral, de vez que, sem ela, todo progresso é vão.

Verbo cristalino, memorização extraordinária e alto poder de elucidação. Na Doutrina é um artífice do verbo. Fa-

lou para um público que lotou a Casa de Cairbar. Esteve presente, também, o dr. Domingos Lauria, representando o general Artur Levy, Chefe das Obras de Construção da Refinaria Duque de Caxias, da Petrobrás. Também compareceram todos os diretores da União Municipal Espírita de Duque de Caxias.

2.^a Jornada - 17-9

Com o jornalista Antonio Pereira Guedes, Diretor de «Almenara» — Rio de Janeiro. Local: Centro Espírita Thiago Apóstolo, com cêrca de 400 pessoas, numa tarde de domingo.

Cingindo-se ao tema «O Caráter da Terceira Revelação», Antonio Pereira Guedes fala com aquêlê raciocínio severo, brilhante, lógico, anti-sectário e profundamente racionalista que lhe é peculiar. Alinha as três revelações — mosaísmo, cristianismo e espiritismo — que pela ordem se sucedem no tempo e na História, e ressalta a maior importância da última, dizendo: da primeira, salvaram-se os dez mandamentos, ao passo que com o cristianismo, ganhou evidência a exemplificação do mestre Jesus «no amai-vos uns aos outros tanto quanto eu vos amei». Já a Terceira Revelação veio conduzir o homem à emancipação de si mesmo, através da reforma moral de cada um, para que a exemplificação de Jesus não passe de um símbolo.

Antonio Pereira Guedes é hoje figura muito admirada dos espíritas de Caxias, que lhe apreciam a franqueza e a sinceridade dos ensinamentos, através de uma análise objetiva e profunda em demanda da verdade.

3.^a Jornada - 18-9

No Centro Espírita Caminheiros de Jesus, sendo orador o professor Atlas de Castro, de Nova Iguaçu. Com o tema «Convencidos e Convertidos», brindou grande números de ouvintes com estu-penda palestra acêrca do entendimento e da prática do espiritismo.

Segundo seu pensamento, o homem não pode continuar matando, mentindo e caluniando em nome de Deus. Ao espírita é indispensável e urgente — frisa — por em prática o que aprender nos ensinamentos do Cristo através dos espíritos.

Os convencidos ouvem, entendem,

mas não praticam; os convertidos se transformam, se renovam, acreditam e realizam grandes obras em nome de Deus. Com êstes, marchará, inevitavelmente, a Humanidade.

Estiveram presentes todos os diretores de entidades espíritas da cidade, representantes da imprensa e visitantes de municípios vizinhos.

4.^a Jornada - 19-9

Foi no Centro Espírita Bezerra de Menezes, Bairro de Vila São Luiz, sendo a vida do patrono da Casa o tema da noite. O orador — jornalista Olívio Novaes, do «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, repartiu seu tempo com o confrade e jornalista J. A. Oliveira, de «O Cruzeiro», da mesma capital. Relatando a vida do grande médico, cujo desprendimento e sentimento de caridade deixaram memória; exaltou igualmente o intuito desta promoção cultural, levada a têrmo pela Associação Espírita Cairbar Schutel, nome de que se ocupou o seu companheiro de tribuna para exornar-lhe o caráter.

Compareceram, como das vêzes anteriores, todos os diretores de casas espíritas, além de jornalistas, visitantes espíritas de outras cidades, bem como pessoas não espíritas.

5.^a Jornada - 20-9

Com o jornalista Abstal Loureiro, chegado de Brasília, onde dirige o semanário «Hora de Brasília». Com esta quinta jornada, o certame tornou à sede da entidade promotora, a fim de que o público mais uma vez tomasse conhecimento das grandes obras que a Associação está concluindo. E revolucionando os hábitos naturalmente seguidos pelos antecessores, estabeleceu proveitoso diálogo com o público, que no dia lotou o recinto até mesmo com pessoas de pé.

Sereno, arguto e profundamente ciente do contexto da codificação, Abstal Loureiro foi respondendo e ensinando, com vivacidade, liberdade e levesa de conceitos. Sua palestra que foi fértil em exaltar a simplicidade e a autenticidade dos dirigentes e responsáveis pela seara espírita agradou tanto que nada menos de três grupos ali representados solicitaram-lhe o comparecimento, em datas posteriores, para novas palestras.

6.^a Jornada - 21-9

Esta, com o médico e professor dr. Lauro Santiago, foi realizada no amplo auditório da Associação Comercial da cidade, que não ficou com um lugar vazio. A apresentação do conferencista foi feita pelo jornalista Antônio Pereira Guedes, tendo o orador focalizado, logo depois, o processo de união e de divórcio da ciência primitiva com a religião, por força da imposição de dogmas inaceitáveis.

Por tal motivo, a ciência chegou à concepção mecanicista do ser humano, fazendo que a medicina se tornasse materialista.

Ressaltou a pré-existência do espírito e a sua atuação na formação do homem ainda quando simples feto, explicando minuciosamente o processo.

Concluiu advertindo que as imperfeições humanas resultam de um passado-cheio de êrros e de ódios, o que não impede que, através das reencarnações, os perversos busquem e alcancem o progresso, meta final a que um dia chegarão tôdas as criaturas humanas.

Contavam-se entre os presentes, numerosos visitantes de Petrópolis, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Magé e Barra Mansa, além de caravanas do Estado da Guanabara. Todos os grupos espíritas de Caxias estiveram representados por seus presidentes.

7.^a Jornada - 22-9

Encerramento

Esta assinala, primordialmente, o dia de nascimento de Cairbar Schutel que, nesta data, em 1868, na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, veio ao mundo para cumprir uma das mais sublimes missões.

O jornalista José Alberto Menezes foi o orador, tendo sido acompanhado pelos confrades Antônio Pereira Guedes e dr. Lauro Sales, do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Advertindo que o Espiritismo não pode ser encarado unilateralmente, por qualquer dos seus aspectos, como vem acontecendo no país, onde muitos pretendem torná-lo em seita religiosa (uma a mais), declara que tudo irá mal se não for feito esforço tendente a repôr a Doutrina nos verdadeiros rumos.

O Espiritismo — frizou — há-de

ser a soma, a síntese dos seus diversos aspectos para que permaneça inatacável. Para tanto, é necessário e urgente a disseminação da cultura. Esta é que assegurará o discernimento e a compreensão dos seus fundamentos e postulados, apressando a reforma moral do cidadão, cujo progresso terá de ser conquistado pelo esforço de cada um.

Depois de falar o dr. Lauro Sales, o presidente da Associação promotora do certame, sr. Ademar Duarte Constant, fêz breve relato da vida de Cairbar Schutel, atendendo a diversos pedidos de pessoas que acompanharam o ciclo de palestras.

Na oportunidade, também agradeceu a todos os visitantes e confrades que prestigiaram a III Semana Cairbar Schutel, agora consagrado como movimento cultural espírita destinado a novos sucessos.

Uma saudação especial foi feita ao general Artur Levy, Chefe Geral das Obras de Construção da Refinaria Duque de Caxias — PETROBRÁS —, que enviou seu representante no início e no fim do Conclave. Foi o dr. Domingos Lauria o enviado da grande empresa petrolífera nacional, sendo sua presença marcada por gestos de simpatia mútua.

O sr. Ademar Duarte Constant destacou, mais uma vez, a cooperação do povo caxiense pelas obras de construção da sede da entidade, onde estão em funcionamento, desde março dêste ano, a Escola Abraham Lincoln, com 7 professôras e 272 alunos, e o Preventório Pedro Ernesto, para a pobreza necessitada.



O CENTENÁRIO DO «AUTO DE FÉ» NO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL

O Instituto de Cultura Espírita do Brasil comemorou o centenário do «Auto de Fé» ou «Auto de Barcelona» com uma sessão especial, tendo sido orador o Dr. Lauro Sales, Presidente do Conselho Deliberativo do Instituto. Falou, antes, o Cel. Delfino Ferreira, dando uma aula sôbre o assunto. O Instituto recebeu uma saudação em forma de mensagem, do México, enviada pelo Presidente da Confederação Espírita Pan-Ame-

ricana (CEPA), a propósito do centenário do «Auto de Fé». A mensagem foi lida, no início da sessão, pelo confrade José Alberto Menezes, 1.º Secretário do Instituto. Uma nota especial da comemoração foi a inauguração de uma exposição de livros espíritas, na qual se destacou uma coleção das edições da Federação Espírita do Paraná. O Instituto mandou confeccionar um carimbo comemorativo do centenário e, assim, todos os livros adquiridos durante o mês ficaram carimbados, como lembrança. O Presidente do Instituto, no momento de

Houve muito interêsse pela exposição de obras espíritas. Diversos livros foram autografados, no ato, pelos próprios autores.

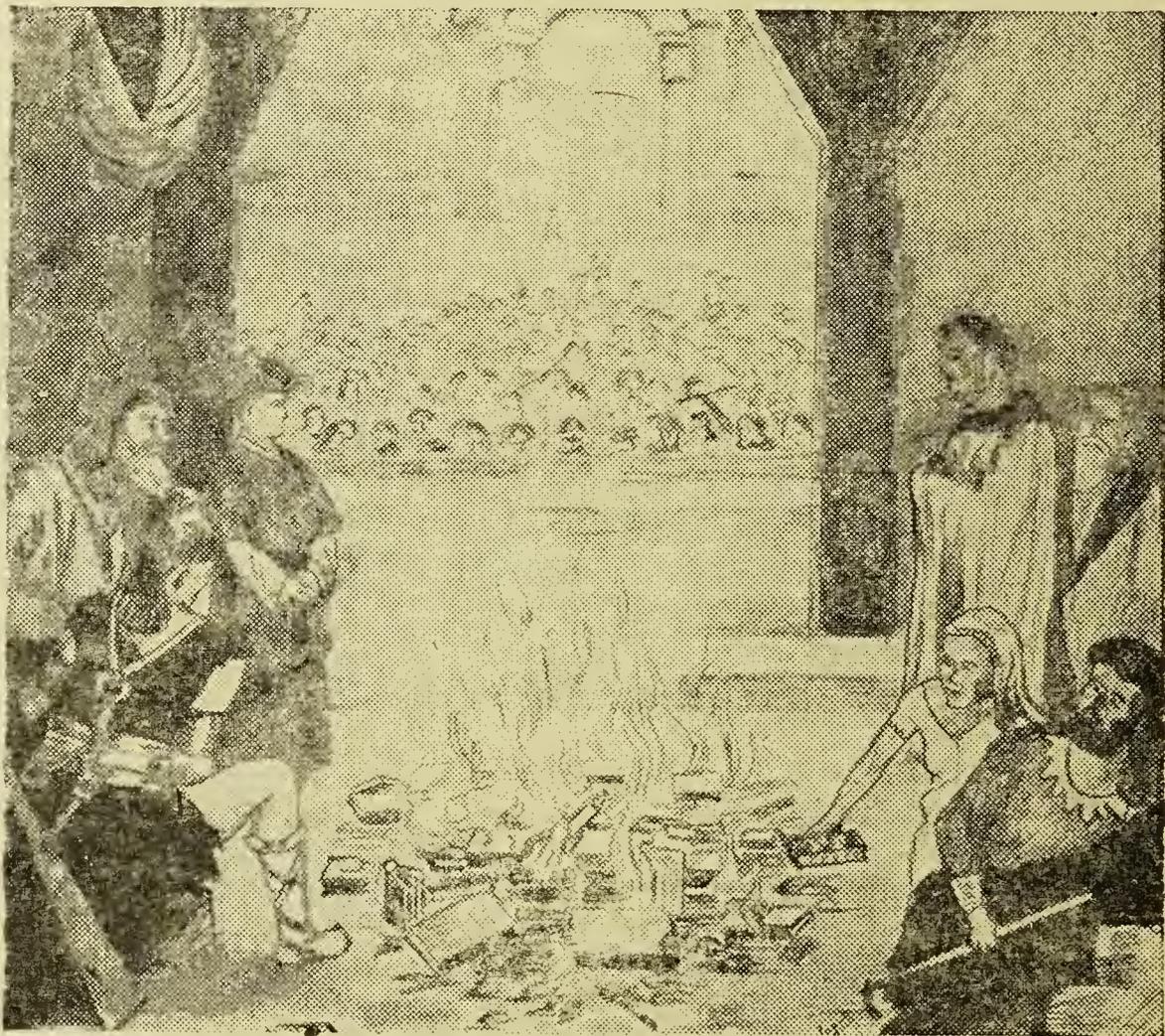


ENCERRAMENTO DAS AULAS DO INSTITUTO

Como acontece todos os anos, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil deverá entrar em férias, de acôrdo com o seu estatuto, no próximo dia 25 de novembro. No mesmo dia, haverá reu-



O
Auto
de Fé
em
Barce-
lona



ser inaugurada a exposição, pronunciou as seguintes palavras: «Há um século, precisamente, no dia 9 de outubro de 1861, em Barcelona, Espanha, por ordem do arcebispo da diocese, eram queimados publicamente muitos livros espíritas. Foi o «Auto de Fé», cujo centenário estamos comemorando. Pois bem, hoje, decorridos cem anos, aqui estamos, fazendo uma réplica ao «Auto de Fé»: inaugurando uma exposição de obras espíritas. Ontem, queimavam-se livros; hoje, divulgam-se livros em comemoração daquele acontecimento histórico».

nião anual do Conselho Deliberativo para tomar conhecimento do relatório e dos atos da administração. Em seguida, será realizado o ato de encerramento das atividades de 1961. A aula final, ainda de acôrdo com o estatuto, será dada por um dos professôres, previamente escolhido pelos seus pares. A saudação dos professôres será proferida, êste ano, pela senhorita Jandyra Tôrres.

As férias do Instituto vão de dezembro próximo à 2.ª quinzena de março de 62. Sede provisória: Rua dos Andradas 96—12.º andar. Rio de Janeiro.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médium Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo
Evolução em dois mundos
Camínho, Verdade e Vida
Parnaso de Além-Túmulo
Instruções Psicofônicas
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
Novas Mensagens
Contos e Apólogos
Almas em desfile
Pontos e Contos
Perolas do Além
Falando à Terra
Os Mensageiros
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Emanuel
Voltei
Roteiro
Renúncia
Pai Nosso
Boa Nova
Nosso Lar
Libertação
Jesus no Lar
Agenda Cristã
Vinha de Luz
Ação e Reação
50 Anos Depois
Lázaro Redivivo
Há dois mil anos
Paulo e Estevam
No Mundo Maior
Missionários da Luz
O Evangelho em casa
Cartilha da Natureza
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita; que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 220,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr. \$ 30,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 40,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 15,00.

**Atendemos pedidos
sob Reembolso Postal**

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$250 00

Semestre — " " 130,00

NÚMERO AVULSO CR.\$25,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUÍRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

